

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL LUIZ REID
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE MACAÉ-FAFIMA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS

PRISCILA FERNANDES DE MORAES SORAGGI

**A INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS “ROMEU E JULIETA”, DE
SHAKESPEARE, E “INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY**

Macaé- RJ

Novembro- 2010

PRISCILA FERNANDES DE MORAES SORAGGI

**A INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS “ROMEU E JULIETA”, DE
SHAKESPEARE, E “INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY**

Monografia apresentada à FAFIMA-
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de Macaé, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em Letras,
nas disciplinas de Português e Inglês e
suas respectivas literaturas

ORIENTADOR: Prof. Oxana Kitaeva

Macaé- RJ

Novembro- 2010

PRISCILA FERNANDES DE MORAES SORAGGI

**A INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS “ROMEU E JULIETA”, DE
SHAKESPEARE, E “INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY**

Trabalho elaborado sob a orientação da Professora e Orientadora Oxana Kitaeva, Mestranda em ensino de inglês como língua estrangeira (Universidade de Londres), da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé, Curso de Letras, pela aluna Priscila Fernandes de Moraes Soraggi, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, nas disciplinas de Português e Inglês e suas respectivas literaturas

Macaé- RJ

Novembro- 2010

A Deus, pois sem ele eu sequer estaria aqui para escrever estas palavras. Os obstáculos foram muitos para me fazer desistir, mais todas as vezes que eu pensei em desistir, todas as vezes que eu chorei achando que não conseguiria concluir este trabalho, ele me levantou e me carregou no colo quando eu já não possuía mais forças para continuar. Durante todo o processo de elaboração e desenvolvimento deste trabalho apareceram diversos problemas de saúde para me derrubar e me impedir de concluí-lo, mas Deus me curou de todos os males e me permitiu terminar esta etapa tão importante em minha vida. Por todo o amor incondicional que Deus demonstrou por mim e que sempre demonstra, ele merece indubitavelmente esta pequena dedicatória como prova do meu amor por ele, e em agradecimento por mais esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram com este trabalho.

A minha orientadora, a professora Oxana Kitaeva, que com carinho aceitou a me orientar mesmo faltando pouco prazo para a entrega deste trabalho, me auxiliando, apoiando e incentivando em todas as etapas deste processo de construção, da pesquisa a conclusão.

Ao meu amado marido, Thiago, por me amar e me apoiar sempre. Por ter suportado todo o meu stress durante os últimos meses. Por ter compreendido a minha ausência muitas vezes durante esta etapa, e ter sido paciente comigo nos momentos em que eu não pude lhe dar a atenção merecida. E também por ter sido complacente comigo pelas noites de sono perdidas em prol deste trabalho, me auxiliando nas tarefas de casa, e assim, me permitindo um tempo maior para o descanso e para dedicação a este projeto.

A todos os meus familiares e amigos que torceram pelo meu sucesso e oraram por mim, para que eu pudesse vencer todos os obstáculos.

A literatura antecipa sempre a vida.
Não a copia, amolda-a aos seus desígnios.
(OSCAR WILDE)

O tempo é muito lento para os que esperam
Muito rápido para os que têm medo
Muito longo para os que lamentam
Muito curto para os que festejam
Mas, para os que amam, o tempo é eterno.
(WILLIAM SHAKESPEARE)

O amor não pensa, não calcula; o amor é todo
misericórdia, é um sacrifício, dá vida, não mata,
não extermina.
(VISCONDE DE TAUNAY)

RESUMO

Este trabalho apresenta um breve conceito sobre intertextualidade e as práticas intertextuais. São analisadas as obras “Romeu e Julieta” de Shakespeare, e “Inocência” de Visconde de Taunay. A análise é feita comparando estas duas obras, identificando as semelhanças entre elas e algumas diferenças relativas. Ao mesmo tempo em que analisa os dois enredos, o trabalho vai identificando e apresentando a intertextualidade entre ambos. São pontuadas também algumas informações sobre a estética das obras, contexto histórico e seus autores.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. “Romeu e Julieta”. “Inocência”. Análise comparativa.

ABSTRACT

This work offers an insight into intertextuality and intertextual practices. It analyzes Shakespeare's play, *Romeo and Juliet*, and Taunay's novel, *Inocência*. It carries out a comparative analysis between these two works identifying the similarities and some relative differences between them. This work analyzes the two plots and their intertextuality. Also provides some information about the aesthetics of the works, their historical context and authors.

KEY-WORDS: Intertextuality. "*Romeo and Juliet*". "*Inocência*". Comparative analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 SOBRE A INTERTEXTUALIDADE.....	11
2.1 Formas de intertextualidade.....	13
3 DAS OBRAS E AUTORES.....	15
4 TRAÇANDO UM PARALELO ENTRE “ROMEU E JULIETA” E “INOCÊNCIA”, DESDE O NASCIMENTO DO AMOR AO SEU DESFECHO EM TRAGÉDIA.....	19
4.1 Da descoberta do amor, aos encontros permitidos pela cumplicidade da natureza.....	19
4.2 Sobre o casamento arranjado: Imposições, desobediências e reações.....	24
4.3 Contribuições dos personagens secundários.....	28
4.4 A presença da morte antecipando a tragédia.....	30
4.5 A tragédia e seus resultados.....	31
4.6 Relações entre as epígrafes de “Romeu e Julita” e a obra “Inocência”	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6 REFERÊNCIAS.....	39

1-INTRODUÇÃO

Ao lermos a obra “Inocência” de Visconde de Taunay, ativando o nosso conhecimento de mundo, nos deparamos com várias semelhanças com a obra “Romeu e Julieta” de Shakespeare. Encontramos então um diálogo entre os dois textos, entre os dois autores, nos deparando assim com um processo de intertextualidade. Devido a esta primeira percepção, decidimos então fazer um trabalho nos aprofundando em um estudo sobre as semelhanças entre estas duas obras, fazendo assim uma análise comparativa entre ambas ao longo de todo este trabalho.

Uma vez que estamos falando de intertextualidade, decidimos abordar este tema em nosso segundo capítulo, o primeiro após esta introdução. Apresentaremos então alguns conceitos de diferentes estudiosos sobre o assunto, e em seguida destacaremos e conceituaremos de forma simples as formas de intertextualidade implícitas e explícitas.

No terceiro capítulo optamos, para sair da tradicional biografia dos autores e suas obras, em falar sobre assuntos relevantes a cada uma de nossas duas obras aqui estudadas, bem como algumas informações interessantes sobre seus autores. Apresentaremos informações ligadas à estética de cada obra, como gênero e linguagem, falando também um pouco sobre o contexto histórico onde cada obra foi escrita, bem como alguns problemas presentes nas sociedades de cada uma.

Decidimos fazer apenas um grande capítulo abordando toda a análise comparativa entre “Inocência” e “Romeu e Julieta”. Este será o nosso quarto e último capítulo. Nele analisaremos todos os aspectos semelhantes encontrados por nós nas duas obras, e algumas diferenças que se fizerem relevantes. Narraremos de forma paralela às duas obras e ao mesmo tempo fazendo a nossa análise. Falaremos de como se iniciou o amor nas duas obras, quais foram os obstáculos encontrados pelos apaixonados para viverem o seu amor em cada uma delas.

Falaremos também de como podemos encontrar a presença da tragédia nos enredos antes mesmo que ela ocorra de fato, e posteriormente falaremos da tragédia propriamente dita e quais as suas conseqüências em cada obra. Antes de findarmos nossa análise abordaremos mais um tópico sobre as epígrafes de “Romeu e Julieta” presentes na obra “Inocência”, uma das formas de intertextualidade citadas no primeiro capítulo. Destacaremos a importância

destas epígrafes para o entendimento do leitor sobre o capítulo introduzido por elas, e também sua importância no desabrochar do amor entre “Cirino e Inocência”, bem como em seus encontros.

Procuraremos então ao longo de todo o nosso trabalho levar ao leitor do mesmo, o conhecimento destas duas emocionantes histórias e destes dois brilhantes autores. Para aqueles que já os conhecem, eis a chance de talvez conhecer alguns aspectos até então não percebidos, de observar através de um olhar diferente. O nosso objetivo é viajar no mundo destas duas literaturas tão fascinantes, apresentando-as de uma forma simples e gostosa, fazendo com que aquele que leia viaje conosco, e assim, se apaixone também por este mundo como nós nos apaixonamos.

2-SOBRE A INTERTEXTUALIDADE

Não poderíamos iniciar o nosso trabalho analisando as obras de Shakespeare e Taunay sem antes falar um pouco sobre intertextualidade, pois afinal de contas abordamos este assunto em nosso tema. Sendo assim, neste capítulo abordaremos a questão da intertextualidade e nele apresentaremos algumas concepções, sobre esta prática muito utilizada na produção de textos literários. Porém, sem nos aprofundarmos muito, por não ser o foco deste presente trabalho. Esclarecemos que as definições apresentadas são importantes por auxiliar no entendimento de nossa análise comparativa entre as obras “Romeu e Julieta” e “Inocência.”

Mas o que é intertextualidade?

“Cada enunciado é um elo de cadeia muito complexa de outros enunciados.” (Bakhtin 1992)

“Todo texto é um mosaico de citações, todo texto é uma retomada de outros textos.” (Júlia Kristeva)

“Capacidade de diálogo entre diferentes textos.” (José Luis Fiorin e Francisco Platão Savioli)

“Há intertextualidade na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos”. (Koch & Travaglia 2000)

“A intertextualidade ocorre quando em um texto, está inserido outro texto (intertexto), anteriormente produzido, que faz parte da memória social da coletividade.” (Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias)

Supracitados estão alguns conceitos de intertextualidade de diferentes estudiosos do assunto. O pensador russo, Mikhail Bakhtin, foi o primeiro a estudar a intertextualidade no âmbito da teoria e crítica literária. Dialogismo é o que permeia toda a sua obra. Toda a vida da linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas.

A concepção dialógica contém a idéia de relatividade da autoria individual e conseqüentemente apresenta importância ao caráter coletivo, social da produção de idéias e textos. Pensar em relação dialógica é remeter a um outro princípio, a não autonomia do

discurso. As palavras de um falante estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro. O discurso elaborado pelo falante se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do eu.

Baseado nos conceitos apresentados no início deste capítulo, e no estudo feito a respeito do tema em questão, podemos entender então por intertextualidade, quando um texto está inserido em outro texto já produzido, e de conhecimento da sociedade; Quando existe um diálogo entre textos. Entendemos que todo texto só existe em relação a outros, ao conhecimento que o leitor teve acesso, além do seu próprio contexto cultural, ou seja, o intertextual que se refere à sobreposição de um texto ou mais textos, tendo como valor o princípio dialógico que o rege.

A produção textual é uma atividade árdua, consciente e criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos. Para que o autor consiga interagir bem com o leitor, este, além de precisar conhecer os textos a que o autor faz referência, ele também necessita conhecer sobre composição, conteúdo, estilo e propósito comunicacional dos gêneros textuais.

Assim, o autor alcançará seu objetivo fazendo com que o leitor consiga extrair a essência de seu texto, e compreenda as idéias que ele deseja passar e pelas quais espera ser compreendido. Podemos concluir então, que para compreendermos o sentido do texto através da intertextualidade utilizada pelo autor, é preciso ter um conhecimento geral do mundo ao nosso redor. Pelo menos um pouco de conhecimento referente a cada área, sem falar no conhecimento de nossa língua, classe gramatical, as regras de uso, etc. Todo o conhecimento será de extrema importância.

Utilizando a intertextualidade, o autor durante a produção de um texto recorre a outros textos com explicitação da fonte, ou sem fonte explicitada, onde ele pressupõe ser de conhecimento do próprio leitor. Para o leitor identificar a presença de outros textos em uma produção escrita ele precisa ter o conhecimento destes outros textos, e também identificar a retomada de textos inseridos em outra linguagem com sentidos diferentes do original.

1.1 - Formas de Intertextualidade

Para um melhor entendimento das práticas intertextuais implícitas e explícitas, apresentaremos as divisões de cada classe. Implícitas, são classes que envolvem o texto de forma mais abrangente, ou seja, toda a construção do texto. Podemos citar na classe dos mecanismos implícitos a paráfrase, paródia e pastiche.

Paráfrase: é o desenvolvimento de um texto sem alterar as idéias originais de um outro texto. A paráfrase é outra forma de retomar as palavras do autor. Não existe a pura repetição neste processo, e ele nem pode ser confundido com o plágio. Porque no decorrer do processo podem ocorrer pequenas transformações que podem chegar a versões diferentes, e sua fonte sempre é fornecida de maneira clara, mostrando a intenção do autor em dialogar com o texto.

Paródia: A paródia é identificada quando no processo de criação ocorre a inversão do sentido apresentando um efeito crítico, irônico, satírico que através de um comentário social contrasta e denuncia.

Pastiche: é o processo intertextual que assume traços de um estilo, alterando o sentido do texto, mas com seriedade. O pastiche supostamente faz menção ao texto, porém o modifica acrescentando uma relação positiva, portanto, contrario a paródia.

Explícitas: que comprometem apenas trechos de cada texto e são denominadas em sua divisão como: citação, epígrafe, referência e alusão.

Citação: é quando no corpo do texto retomamos explicitamente, marcando com aspas ou com outros recursos gráficos fragmentos de um outro texto. Mecanismo utilizado em trabalhos acadêmicos, pois geralmente o orientando precisará de leituras, sustentações de alguns teóricos para desenvolver o seu trabalho e as citações poderão confirmar e auxiliar seus trabalhos de pesquisa.

Epígrafe: é um recorte de um texto introduzindo outro. Podemos encontrar a epígrafe introduzindo capítulos de livros, em ensaios e teses acadêmicas e na retomada de diversos outros textos.

Referência: é o mecanismo que permite ao leitor fazer uma comparação direta a outra obra, pois neste modelo nomes de personagens e de autores aparecem explícitos.

Alusão: é o processo de relação intertextual no qual se reproduzem construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras com certa sutileza, não chegando a ser uma referência que deixa explícito o que se quer mostrar.

Como já vimos, há diversas práticas intertextuais presentes na literatura e que são utilizadas como recursos pelos autores na produção de seus textos, para alcançar seus objetivos diante a compreensão do leitor. Pois a intertextualidade enriquece a compreensão do leitor, quando este consegue identificá-la através do seu conhecimento de mundo.

A literatura utiliza a intertextualidade freqüentemente, se apropriando e fazendo a retomada de outros textos. Há autores que dialogam através de seus textos e produzem novos textos através de outros que foram produzidos a partir dos seus. Existem produções que são constantemente retomadas em épocas diferentes e em diferentes formas de apropriação textual. Uma destas obras tantas vezes tão retomada e de distintas formas é “Romeu e Julieta”, de Shakespeare. Neste trabalho analisaremos a sua retomada através de Visconde de Taunay em sua obra *Inocência*, bem como as formas de intertextualidade utilizadas pelo autor para obter êxito em seu trabalho.

3- DAS OBRAS E AUTORES

Com este capítulo queremos apresentar algumas informações relevantes sobre as obras “Romeu e Julieta” de Shakespeare, e “Inocência” de Visconde de Taunay, que serão discutidas ao decorrer de todo o nosso trabalho. É importante deixar claro que o nosso trabalho engloba duas literaturas distintas: a literatura inglesa de Shakespeare; e a literatura brasileira de Taunay, traçando um paralelo entre ambas.

Podemos considerar “Romeu e Julieta” a tragédia mais famosa de todos os tempos. Já foi traduzida para diversas línguas, encenada e adaptada em diversos países, sem falar nas paródias, paráfrases e pastiches feitos sobre ela. É muito difícil encontrar alguém que ao menos nunca tenha ouvido falar nesta história.

Escrita por Shakespeare em torno de (1591-1595) na Inglaterra. Esta tragédia foi possivelmente inspirada em um poema narrativo de Arthur Brooke publicado em 1562 com o título de “*Tragical History of Romeu and Juliet*”. Porém os nomes de Romeu e Julieta aparecem em histórias mais antigas, até mesmo na literatura grega, não sendo possível afirmarmos então se Shakespeare foi exatamente inspirado pelo poema de Arthur Brooke ou por alguma outra obra. Esta tragédia também é considerada verídica, onde possivelmente teria ocorrido na Itália nos primeiros anos do século XIV.

Shakespeare escreveu “Romeu e Julieta” de forma dramatizada, para ser encenada no teatro. O enredo desta obra se passa na cidade de Verona, na Itália. A mesma pertence ao gênero tragédia lírica, com linguagem intensamente lírica, contendo alto percentual de rimas. Este gênero foi utilizado por Shakespeare somente nesta obra. Como foi escrita para o teatro, a obra é dividida em cinco atos, e estes por sua vez são subdivididos em cenas, totalizando vinte cenas. Os nomes dos personagens aparecem antes de cada fala. A linguagem apresenta um vocabulário mais rebuscado, devido à época em que foi escrita e também por não ser apresentada apenas ao povo, como também as pessoas de classe média alta, que pagavam caros ingressos, sem falar na própria rainha Elisabeth I, assídua as apresentações. Os diálogos entre Romeu e Julieta são carregados de teor poético. Como afirma Barbara Heliodora em seu livro “Falando de Shakespeare”, as primeiras catorze linhas do primeiro diálogo entre os dois formam um soneto. Abaixo segue a transcrição deste diálogo traduzido por Barbara Heliodora:

Romeu

Se a minha mão profana este sacrário,

Pagarei docemente este pecado;

Meu lábio, peregrino temerário;

O expiará num beijo delicado;

Julieta

Bom peregrino, a mão que acusas tanto

Revela-me um respeito delicado;

Juntas a mão de fiel e a mão do santo,

Palma com palma se terão beijado.

Romeu

Os santos não têm lábios, mãos, sentidos?

Julieta

Ai, têm lábios apenas para reza.

Romeu

Fiquem os lábios, como as mãos, unidos;

Rezem também, que a fê não os despreza.

Julieta

Imóveis, eles ouvem os que choram.

Romeu

Santa, que eu acolha o que meus ais imploram. (BARBARA HELIODORA,
Falando de Shakespeare, 2009, p.43)

Sempre que falamos na tragédia “Romeu e Julieta”, pensamos logo no romance entre dois jovens com um trágico fim. Mas Shakespeare possuía outro objetivo ao escrever esta tragédia, não podemos afirmar se este seria seu principal objetivo, mas encontramos a presença de um forte objetivo em sua obra, que seria criticar o contexto histórico de sua época. A guerra civil entre as duas famílias inglesas de maior destaque na época, os Lancaster e os York. Shakespeare teria feito através de “Romeu e Julieta” uma denúncia a esta guerra civil, a luta e ódio entre as facções poderosas de dentro de uma mesma comunidade e o mal que isso pode fazer a ela. Utilizando assim para sua crítica, a briga entre os Capuletos e os Montecchios. Ele teria retratado também o problema do bom e do mau governo. O príncipe Escalo estaria representando o poder político da época. “Romeu e Julieta” deste ponto de vista seria um

sermão contra os males da guerra civil, contra aqueles que colocam o seu interesse pessoal acima do bem comum.

Em contrapartida nós temos “Inocência”, um romance regionalista escrito por Visconde de Taunay e publicado em 1872. O romance regionalista é um gênero da prosa romântica tipicamente brasileira, completamente original. Isso se deve ao fato de não ter inspiração em modelos europeus, já que os cenários e enredos são basicamente inspirados em paisagens, costumes, valores e comportamentos típicos dos habitantes de determinadas regiões brasileiras.

O enredo deste romance se desenrola no sertão do Mato Grosso. A narrativa é dividida em trinta capítulos e um epílogo, e é escrita em prosa. Possui linguagem simples, característica própria do povo do sertão, mesclando em algumas partes com a linguagem culta urbana de alguns personagens, como Cirino, e também a linguagem do narrador é culta. Às vezes algumas palavras deste vocabulário próprio do sertão, podem dificultar o entendimento do leitor que não possui o conhecimento do mesmo. Como por exemplo: “canhar as-sim”, “sestiendo”, “Nhor-sim”.

O romance possui intenção descritiva com escopo modesto e sem tom exaltado, no intuito de informar e introduzir o leitor no mundo do sertão. Taunay evita o sentimentalismo exagerado de outros escritores românticos, envolvendo o leitor do começo ao fim devido enquadrar perfeitamente a história no contexto dos costumes sertanejos, dando-lhe um tom verossímil. “Inocência” possui construção dramática, combinando elementos líricos e cômicos. Os elementos líricos podem ser identificados nos diálogos entre Inocência e Cirino e os cômicos através dos personagens Pereira e Meyer.

Taunay ao escrever “Inocência”, escreveu sobre coisas que ele realmente conhecera, das quais realmente tinha muita experiência para escrever. Pois como militar ele teria percorrido todo o sertão, com agudo senso de observação da natureza. Ao narrar o relacionamento entre Cirino e Inocência o autor estaria se referindo ao seu próprio relacionamento com uma jovem que conheceu no Mato Grosso, fazendo assim uma interessante mistura entre ficção e realidade. Partindo dessa teoria podemos perceber a origem mais íntima da personagem-título de Inocência, protótipo da mulher sertaneja imaginada e idealizada pelo autor.

O narrador é apresentado na obra de forma onisciente, conferindo plenos poderes a uma só focalização. Tudo é apresentado a partir de um único ponto, com onisciência e onipresença. Este é, sem dúvida, um modelo narrativo que atende às necessidades do romance regionalista, que focaliza a vida, os costumes, os valores sociais a partir de um único ponto de vista.

Enquanto Taunay escrevia “Inocência”, acontecia no Brasil a aprovação da Lei do Ventre Livre. Em sua obra há a presença de criados-escravos, que não vivem em boas condições, Taunay faz crítica aos antiquados costumes sociais brasileiros, sobretudo do interior do país, como também ao autoritarismo. Fica claro que ele não concorda com a opinião que os sertanejos possuem sobre as mulheres, os confrontos entre homem do sertão e o homem urbano. O homem do sertão possui preconceitos contra os costumes da cidade e o homem da cidade subestima o homem sertanejo.

Bem, descrevemos até aqui características próprias de cada uma das duas obras analisadas neste trabalho, como também algumas peculiaridades sobre seus autores. De um modo geral parecem obras muito distintas, mas se olharmos de uma forma mais crítica e mais atenta, são muitas as semelhanças que encontraremos. Partindo apenas do que foi apresentado até agora neste capítulo, já podemos dizer que mesmo pertencentes a gêneros distintos a história de amor entre Inocência e Cirino é apresentada de forma dramática, como em “Romeu e Julieta”, da mesma forma que seus diálogos são apresentados também de forma lírica. Percebemos que nas duas obras existe uma crítica a sociedade da época em que foi escrita. Não podemos nos esquecer da semelhança diante da possibilidade de ambas as obras serem baseadas em histórias reais. Ao decorrer do trabalho continuaremos a apresentar semelhanças entre as duas obras, nos aprofundando em seus enredos.

4- TRAÇANDO UM PARALELO ENTRE “ROMEU E JULIETA” E “INOCÊNCIA”, DESDE O NASCIMENTO DO AMOR AO SEU DESFECHO EM TRAGÉDIA

Neste capítulo analisaremos as obras de Shakespeare, “Romeu e Julieta”, e “Inocência” de Visconde de Taunay, narrando parcialmente e paralelamente as duas, apresentando transcrições de ambas e ao mesmo tempo apresentando semelhanças entre as duas ao longo dos dois enredos. Falaremos também sobre alguns personagens secundários e a sua importância no enredo, bem como as tragédias das duas obras e a presença da morte que as antecede. Sem nos esquecer de citar e analisar a relação entre algumas epígrafes de “Romeu e Julieta” presentes na obra “Inocência” com o desenrolar de seus capítulos.

4-1 Da descoberta do amor, aos encontros permitidos pela cumplicidade da natureza

Romeu era um jovem triste, afogado em sua melancolia, vivendo um amor platônico por uma mulher chamada Rosalina. Por não ter este amor correspondido, Romeu fica sem vontade de viver, passando os dias trancado em seu quarto escuro, como se fosse a sua própria tumba.

Cirino um jovem em torno de seus 25 anos, nos causa a impressão de também não ser uma pessoa muito feliz, com perspectivas da vida. Com dívidas de jogo, viajava sem rumo sertão a fora, se dizendo doutor, e exercendo sua “profissão” no intuito de ganhar dinheiro, onde na verdade era apenas um curandeiro. Jamais havia conhecido o amor.

Tanto Julieta quanto Inocência viviam sua juventude nas casas de seus pais, cada uma de acordo com os hábitos da sociedade e de sua família. Julieta uma menina de 14 anos, pertencente a uma nobre família, participava de bailes e conseqüentemente conhecia muitas pessoas assim. Levando em consideração suas falas durante toda a obra, Julieta nos parece ser uma menina culta.

Inocência em seus 18 anos vivia com seu pai no interior do sertão, sem conhecer praticamente nada, nem ninguém. Ela não sabia ler e ignorava o mundo. Vivia em sua pureza e ingenuidade, apenas apegada aos seus santos e rezas. No que se tratava a homens, tirando os de sua família, praticamente nunca tinha visto nenhum.

O que ambas tem em comum é que não aspiravam ao casamento. Julieta por ter necessidade de amar primeiro ao seu futuro marido. Inocência, pobrezinha, nem sabia direito do que se tratava o casamento, e sequer sabia o que era amor. Mas seus pais já lhes haviam arranjado casamento com pessoas escolhidas por eles.

A vida destes jovens muda completamente ao ter seus destinos cruzados. Tudo começa com o amor a primeira vista que ocorre com nossos protagonistas das duas obras, e que tornam mais claras as semelhanças entres estas obras que desejamos apresentar em nosso trabalho.

Como já vimos, os quatro são jovens e nunca conheceram o amor, e nem sequer se preocupavam com isso. Apenas com exceção de Romeu que dizia amar Rosalina, mas que na verdade também não havia ainda conhecido o amor de verdade. Veremos então como ocorre este primeiro contato entre nossos jovens e se inicia o amor nas duas obras aqui analisadas. Iniciaremos por introduzir Romeu e Julieta:

Romeu ao se deparar com Julieta pela primeira vez, sem saber na verdade quem ela era, diz:

Oh! Ela deve ensinar ás tochas como devem brilhar esplendidamente! Dir-se-ia que pende da face da noite como rica jóia da orelha de uma etíope! Beleza riquíssima para ser usada e cara demais para a terra! Como nívea pomba entre corvos, assim parece aquela dama no meio de suas companheiras. Encerrada a dança, observarei onde se coloca, e com o contato da sua, tornarei ditosa minha rude mão. Porventura meu coração amou até agora? Jurai que não, meus olhos! Porque até esta noite chamais conheci a verdadeira beleza. (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato I, cena V, pag.47)

Ao dizer estas palavras, percebemos que Romeu já esqueceu Rosalina por quem tanto sofria e dizia que amava. Ele chega a questionar se seu coração já teria amado anteriormente. Ele entende realmente o que é o amor a partir do momento em que os seus olhos encontram Julieta pela primeira vez. Podemos dizer que foi amor a primeira vista. E que o que ele sentia por Rosalina, era apenas o desejo de conquistar a mulher idealizada por todos, e inatingível. Por isso ele sofria de amor platônico, pela incapacidade desta conquista.

Julieta ao colocar seus olhos em Romeu pela primeira vez, também sem saber de quem se tratava, diz para sua ama: “Vai pergunta-lhe o nome, se for casado, meu túmulo será meu leito nupcial.” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato I, cena V, pag.50). Ao ler estas palavras ditas por Julieta, percebemos logo que houve correspondência pelo mesmo sentimento de

Romeu. Podemos dizer que ela também se apaixonou a primeira vista, e que se não puder tê-lo, morrerá de desgosto ao se casar com o seu prometido.

Ao saber que se trata de um Montécchio, filho do grande inimigo de sua família, Julieta diz: “Meu único amor nascido do meu único ódio! Cedo demais o vi sem conhecê-lo, e tarde demais o conheci! Prodigioso é para mim o nascimento do amor para que deva amar meu inimigo abominado!” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato I, cena V, pag. 50).

Podemos entender através destas palavras, que Julieta percebe que a única pessoa que ela amou é também a única que ela deveria odiar, pois ele é inimigo de sua família. Quando ela diz que cedo demais o viu sem o conhecê-lo e que tarde demais o conheceu. Ela quis dizer que se apaixonou por ele sem saber que ele se tratava de um inimigo, pelo qual ela não deveria se apaixonar, e que na verdade é tarde demais para este amor, pois ela já está comprometida com Páris. E desta forma, como uma peça pregada pelo destino, nasce o amor impossível entre estes dois jovens. Não só o ódio e a rivalidade entre suas famílias os separam deste amor, mas também o casamento de Julieta já arranjado com Páris.

Passamos agora a apresentar o primeiro contato entre nossos protagonistas sertanejos, Cirino e Inocência:

Cirino desde a primeira vez que vê Inocência, mesmo ela estando magra e abatida devido estar doente, ele fica tão deslumbrado por sua beleza, meiguice e ingenuidade, que chega a ter dificuldades em examiná-la. O próprio narrador diz que Cirino se deu mal com a situação, pois ele foi para tratar da cura de alguém, mas arranhou enfermidade grave para si. Segue abaixo um trecho transcrito deste primeiro contato entre os dois:

E tomando-lhe a mão, apertou-a com ardor entre as suas, retendo-a, apesar dos ligeiros esforços que para a retrain, empregou ela por vezes. Nisto, entrou Pereira. Inocência fechou com presteza os olhos e Cirino voltou-se rapidamente, levando um dedo aos lábios para recomendar silêncio. (TAUNAY, *Inocência*, cap.IX, pag. 65)

Apenas pelas palavras do narrador já é possível percebermos que Cirino já se apaixonou por Inocência neste primeiro contato que tiveram, conforme descrito acima. Observamos que Cirino se deslumbra pela beleza de Inocência, da mesma forma que Romeu pela beleza de Julieta. A diferença aqui, é que Romeu descreve esta beleza, ele diz o que está sentindo, ao contrário de Cirino, que as circunstâncias não o permitem dizê-lo, apenas observar, sentir e guardar em seu coração.

Inocência já neste primeiro contato com Cirino se sente estranha. Fica acanhada ao ver o “doutor” e perturbada ao ser observada por ele. Em sua presença ela fica com o coração acelerado e às vezes corada.

Uma vez, entreabriu os olhos e a medo atirou um olhar que se cruzou com o do mancebo, olhar rápido, instantâneo, mas que lhe repercutiu direito ao coração e lhe fez estremecer o corpo todo.

Sem saber por que, batia-lhe o queixo e um arrepio de frio lhe circulava nas veias. (TAUNAY, *Inocência*, cap.IX, pag. 65)

Percebemos que como Julieta por Romeu, Inocência deste a primeira vez em que vê Cirino começa a possuir um sentimento por ele, mas a diferença é que ela, com sua ingenuidade e falta de conhecimento não entende que sentimento é esse. Julieta, logo em suas primeiras palavras após ver Romeu já diz sem reservas ser ele é o seu único amor. Mas mesmo ainda sem saber o que sentia por Cirino, Inocência começa a pensar nele, em como ele lhe tratava bem e como lhe fazia bem a sua presença. E assim nasce também este amor que terá seu desfecho em tragédia, como em “Romeu e Julieta”.

Neste momento nossos quatro jovens mesmo pertencentes a obras diferentes, estão unidos por um sentimento que mexe a todo tempo com seus pensamentos e lhes tira o sono. Ao mesmo tempo em que este sentimento lhes dá combustível para viver, lhes traz pensamentos fúnebres em somente cogitar a possibilidade de não poder possuir a pessoa desejada.

Continuando com as semelhanças entre as duas obras, falaremos da forte presença da natureza em ambas. A natureza faz parte de todos os encontros dos nossos amantes, conspirando ao seu favor, ajudando-os a se ocultarem e servindo assim de refúgio para os seus encontros.

Em “Romeu e Julieta” as principais cenas de encontro entre o casal se passam a noite no jardim dos Capuletos ou na janela do quarto de Julieta, onde os dois em meio a doces palavras contemplam a noite, a lua, as estrelas. São citados também o canto do rouxinol e da cotovia. São nestas cenas onde em um primeiro momento o amor é confirmado através da troca de juras de um pelo outro. E posteriormente após se casarem escondido, este casamento é consumado. O dia é sempre relacionado a trevas, pois é o momento em que eles não podem ficar juntos.

Em “Inocência” a presença da natureza é ainda maior, em praticamente todos os capítulos há a descrição das paisagens do lugar. Se referindo especificamente a sua contribuição aos encontros de nossos amantes sertanejos, esta certamente está presente também em todos. Como em “Romeu e Julieta”, para se ocultarem, com medo de serem vistos principalmente por Pereira, pai de Inocência. Desde o primeiro encontro que também ocorre na janela do quarto de Inocência, e onde Cirino declara por ela o seu amor e ela compreende que também o ama. Os encontros sempre ocorrem a noite tendo como cúmplices a luz do luar, o canto dos pássaros, as folhagens, o pomar, o corguinho, o laranjal e tudo mais que a natureza pode oferecer em um sítio.

Podemos ilustrar claramente a presença da natureza nas obras com os trechos: “Era a cotovia mensageira da aurora e não o rouxinol!... É sim, é sim! Vai-te, anda! É a cotovia que canta desafinada, expelindo ásperas dissonâncias e desagradáveis sons agudos!” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato III, cena V)

“Ao longe, à beira de algum rio, as aracuãs levantavam a sonora grita, e o macauã atirava aos ares os pios prolongados da áspera garganta.
--É dia, observou Inocência desprendendo-se dos braços de Cirino.
--Já! Exclamou este amuado.” (TAUNAY, *Inocência*, XXIII, p. 153)

É interessante observar nos dois trechos acima extraídos de “Romeu e Julieta” e “Inocência” respectivamente, como eles são parecidos. Ambos parecem nos dizer a mesma coisa, apenas adaptando a fala ao contexto de cada história. Como no caso dos pássaros, que podemos comparar o rouxinol e a cotovia com as aracuãs e o macauã, adaptados a fauna de cada região.

4.2 - Sobre o casamento arranjado: Imposições, desobediências e reações

Já vimos no início deste capítulo que tanto Julieta quanto Inocência estavam de casamento arranjado com pessoas escolhidas por seus pais. É sobre esta grande semelhança presente nas duas obras analisadas neste trabalho que pretendemos relatar agora, nos aprofundando um pouco mais neste aspecto presente nos dois enredos.

É importante ressaltar que como provavelmente escrita entre (1594-1595), “Romeu e Julieta” se passa em uma realidade onde os casamentos eram arranjados em função de manter o clã familiar. O que também era um hábito muito comum na sociedade patriarcal do interior do Brasil, onde se passa “Inocência”. Procuraremos focar nas reações que ambas tiveram diante deste destino tão cedo traçado. E em seguida as reações que seus pais tiveram ao receber a recusa de suas filhas pelo casamento já acertado.

Julieta, antes mesmo de completar 14 anos já havia sido prometida por seu pai a Páris, um jovem nobre. O mesmo aconteceu a Inocência, que aos 18 anos foi prometida por seu pai a Manecão, um rude capataz que trabalha tocando gado pelos sertões.

Julieta era uma jovem que não sonhava em se casar, e sem nenhuma empolgação com o casamento promete a mãe que apenas tentará gostar de seu futuro marido, e nada mais. Inocência antes de conhecer Cirino gosta da idéia de se casar, mas apenas por ser para ela uma novidade, sem saber muito bem do que se trata. Ela era muito pura e ingênua, sem nenhuma maldade e sem nenhum conhecimento sobre a vida. Como sempre viveu presa em casa, o pai nunca a permitiu sair, ou que ela conhecesse pessoas e adquirisse novos conhecimentos. Então ela vê o casamento como oportunidade de conhecer coisas novas, de conhecer o mundo além do sítio de seu pai. Ela deseja ir para a vila, e Manecão promete levá-la.

Após conhecer Romeu e se apaixonar por ele, Julieta muda de opinião sobre o casamento. Ela passa a ter vontade de se casar sim, mas somente com Romeu. A idéia de se casar com Páris passa a ser algo odioso. O mesmo ocorre com Inocência que ao descobrir que ama a Cirino, fica horrorizada em pensar em sua obrigação de se casar com Manecão.

Julieta então se casa escondida com Romeu. Depois enfrenta os pais e diz que não quer se casar com Páris, que é muito jovem e que não pode amar. Ela se diz agradecida pela intenção

dos pais, mas que é algo que ela odeia. Inocência após ficar algum tempo aterrorizada apenas em ver Manecão, e chorando pelos cantos com muito medo de revelar o que sentia a seu pai, se enche de coragem e resolve enfrentá-lo. Ela diz que prefere morrer a ter que se casar com Manecão.

Enquanto a coragem de Inocência se atém ao acontecimento acima. Julieta vai muito além. Jovem impulsiva, esta arrisca tudo para obter o que quer, que neste é caso viver com seu amor Romeu. Aconselhada pelo frei, ela finge estar arrependida de ter ido contra a vontade de seus pais, pede perdão a eles e finge estar feliz e se preparar para o casamento. Em seguida ela é capaz de simular a própria morte tomando uma droga, sabendo que será colocada em uma tumba junto com os ossos de todos os seus antepassados. Mas o amor fala mais alto que o medo, e por este amor ela também será capaz de tirar sua própria vida.

Inocência por ser muito pura e sem malícia, apegada aos santos e as rezas, foi incapaz de lutar como Julieta por seu amor. Ela não aceitou fugir com Cirino, porque não conseguiria viver sem a benção de seu pai. Em sua ingenuidade tinha medo de ficar perdida na vida e viver em pecado se não obtivesse sua benção. Então os únicos meios de lutar que ela possuía, era rezar e chorar, se definhando assim a cada dia.

Como já comparamos a reação de nossas amantes diante de serem forçadas por seus pais a se casar com alguém escolhido por eles. Façamos agora uma comparação na reação destes pais, perante o enfrentamento e desobediência diante a recusa de suas filhas em fazer o que lhes foi ordenado.

Mas antes de iniciarmos esta nossa comparação, faremos uma breve pausa para falarmos um pouco sobre a relação existente entre estes pais com suas filhas, para podermos entender melhor as futuras reações que descreveremos aqui por eles apresentadas.

Pobrezinha... Por esta não há de vir o mal ao mundo... É uma pombinha do céu... Tão boa, tão carinhosa!... E feiticeira!!!

—Não posso com ela.. só em pensar em que tenho de entregá-la nas mãos de um homem, bole comigo todo... E preciso, porém. Há anos... devia já ter cuidado nesse arranjo, mas... não sei... cada vez que pensava nisso... caía-me a alma aos pés. Também é menina que não foi criada como as mais... Ah! Senhor Cirino, isto de filhos, são pedaços do coração que a gente arranca do corpo e bota a andar por esse mundo de Cristo.

Umedeceram-se ligeiramente os cílios do bom pai. (TAUNAY, *Inocência*, cap. V p. 45)

Ao lermos os trechos acima, percebemos claramente que Pereira tem muito carinho por sua filha Inocência. A atitude que ele toma é o que ele acha o correto a ser feito. Faz parte da sociedade patriarcal e autoritária em que ele vive, dos hábitos, da cultura do lugar, dos princípios que ele carrega. Para ele filha mulher é para se casar cedo. Mulher é para cuidar da casa e do marido. Ele acredita que é um absurdo e desnecessário qualquer outro tipo de aprendizado, de conhecimento, como aprender a ler, por exemplo. Assim, a mulher cria hábitos impróprios, inaceitáveis, pois segundo Pereira mulheres são coisas de botar medo, são feiticeiras. Fica claro que a mulher tem que ser somente submissa ao homem, segundo os costumes do sertão. Ao “arranjar” o casamento para a filha, o faz com o coração apertado, pensando ser o melhor para ela, e uma obrigação sua a ser cumprida como pai.

Com a leitura feita ao trecho extraído do livro, percebemos o carinho de Pereira pela filha, mas pelo que podemos perceber no decorrer da obra, este carinho não é demonstrado a ela. Não existe relação de afeto, de conversas entre pai e filha. Podemos entender também que esta relação fria é devido também a cultura de Pereira e a sociedade em que ele vive.

“A terra levou todas as minhas esperanças menos ela. Ela é a dona e a esperança de meu mundo”. (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato I, cena II, pag.38). Percebemos pela fala de Capuleto o amor que ele possui por sua filha. Mas da mesma forma que Pereira e Inocência, a relação entre eles nos parece ser fria. Pois ao lermos toda a obra percebemos que o único diálogo que ocorre entre os dois, é justamente quando Julieta se recusa a casar com Páris. Em outros momentos, Capuleto apenas dá as ordens pela esposa ou pela ama para que estas as transmitam a Julieta. É um amor que não é demonstrado a filha. Também não vemos cenas de afeto entre os dois. Mas tudo que Capuleto deseja é ver sua filha bem, e pensa que antecipando o seu casamento acabará com sua tristeza.

Voltando então de onde pausamos, falaremos finalmente das reações expressadas pelos pais diante a desobediência de suas filhas:

Palavras ditas por Capuleto a Julieta quando esta se recusa a casar com Páris:

“Fora de minha presença, esqueleto doentio! Fora daqui, libertina! Cara sebenta! Enforca-te, jovem libertina! Criatura desobediente! Sai de minha vista ordinária! Se desejares ser minha filha obediente, eu te darei ao meu amigo; se não o quiseres ser, enforcai-te mendiga, consome-te de fome e miséria, morre no meio da rua. Por minha alma nunca a reconhecerei e nada que me pertence jamais te pertencerá.” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato III, cena V, pags.86,87)

Palavras ditas por Pereira à inocência quando ela diz não querer se casar com Manecão:

—Inocência, daqui a bocadinho Manecão chega da roça... Você há de ir para a sala... se não fizer boa cara, eu a mato.

—OuvIU? Eu a mato!... Quero antes vê-la morta, estendida, do que... a casa de um mineiro desonrada... (TAUNAY, *Inocência*, cap.XXVII, pag.174)

O pai agarrara-a pela mão, obrigando-a a curvar-se toda.

Depois, com violento empurrão, arrojou-a longe, de encontro à parede. Caiu a infeliz com abafado gemido e ficou estendida por terra amparando o peito com as mãos. Mortal palidez cobria-lhe as faces e de ligeira brecha que se abrira na testa deslizavam gotas de sangue. Ia Pereira precipitar-se sobre ela como para esmagá-la debaixo dos pés, mas parou de repente e, levando as mãos ao rosto, ocultou as lágrimas que dos olhos lhe saltavam a flux. (TAUNAY, *Inocência*, cap. XXIX, pag. 186)

Percebemos que ambos são tomados pela ira ao serem desobedecidos por suas filhas. Independente das duas obras aqui discutidas se passarem em diferentes épocas e locais. Vemos que a questão do respeito e da obediência dos filhos para com os pais é muito importante nas sociedades existentes nos dois enredos. Fica claro que para estes pais o descumprimento de suas palavras e a desobediência de suas filhas é tamanha ofensa, que eles preferem vê-las mortas ao permitir tal coisa.

Pereira vai além dos insultos e agride fisicamente Inocência. Para ele sua palavra é mais importante que tudo e precisa cumpri-la a qualquer custo. Afinal, o que ambos os pais querem, é somente o bem para suas filhas, mas o problema é que a sociedade não permite que a opinião delas seja ouvida, ou que haja qualquer diálogo sem repressão e autoritarismo. Pensando que estão certos e fazendo o melhor pela felicidade de suas filhas, estes pais mesmo sem saber acabam as destinando a morte.

4.3- Contribuições dos personagens secundários

Já sabemos que o amor é impossível tanto para Romeu e Julieta quanto para Cirino e Inocência, devido às duas donzelas estarem de casamento arranjado por seus pais com pessoas do interesse deles, e no caso de Romeu e Julieta há também outro impedimento, o ódio entre suas famílias.

Mas aqui nós encontramos mais uma semelhança entre essas duas histórias. Em ambas os nossos amantes tiveram alguma ajuda, ou ao menos alguma tentativa desta, mesmo que não sendo bem sucedida em nenhum dos dois casos. Os nossos protagonistas puderam contar com a ajuda dos personagens Frei Lourenço, em “Romeu e Julieta” e Antônio Cesário, em “Inocência”.

Frei Lourenço tinha muito prestígio em Verona por ser a autoridade máxima da igreja católica no local. A pedido de Romeu, ele aceita efetuar o seu casamento com Julieta, no intuito de com esta união restaurar a paz na cidade, acabando com a rivalidade dos Capuletos e Montecchios.

Além de ajudá-los com o casamento, Frei Lourenço orienta Julieta a fingir que está feliz com o casamento com Páris e traça com ela um plano para que Romeu, que se encontra exilado pela morte de Teobaldo, possa ser aceito de volta à cidade e que seja permitido o amor entre ele e Julieta. Seguindo com este plano Frei Lourenço entrega a Julieta uma poção que a deixará desacordada por algum tempo, simulando sua própria morte. E fica encarregado de avisar Romeu sobre o plano, tendo Romeu que estar na tumba dos Capuletos antes que Julieta acorde. Mas sabemos que este plano não teve sucesso, e o seu resultado foi a tragédia que falaremos melhor mais a frente.

Inocência acreditava que se houvesse alguém que pudesse ajudá-la a se livrar do casamento com Manecão e a se casar com Cirino, esse alguém seria seu padrinho Antônio Cesário. Ela se apegava a esta esperança, pois seu pai devia dinheiro a seu padrinho e desta forma, sempre fazia tudo o que ele pedia.

Se apegando a esta esperança como a única saída para ser feliz com Inocência, Cirino vai procurar Antônio Cesário para pedir ajuda. Ele manda Cirino aguardar na Vila por até oito dias, e diz que se neste prazo ele for se encontrar com Cirino é porque ele decidiu ajudá-los,

caso contrário, Cirino não deveria mais procurar por Inocência. Acontece que quando Cesário se decide e chega no último dia do prazo combinado, já é tarde, a tragédia já aconteceu e sua ajuda de nada mais adianta.

Se por um lado esses jovens tiveram alguma tentativa de ajuda dos personagens descritos acima. Eles foram muito prejudicados por outros dois. Fica claro que o antagonista, o anão Tico é quem mais prejudica Cirino e Inocência. Primeiro ele vigia calado o nascer e o desabrochar do amor entre os dois, bem como todas as reações e encontros entre eles, e no final relata tudo a Pereira e Manecão. Desta forma, ele não só separa de vez este casal como os destina a morte.

Em “Romeu e Julieta” podemos de certa forma comparar o personagem Teobaldo, primo de Julieta, ao anão Tico. Pois foi seu enorme ódio por Romeu e pela família Montecchio, que acabou resultando em sua morte por Romeu, e assim a condenação de Romeu ao exílio e o ódio ainda maior dos Capuletos sobre ele. E a partir daí, com a separação dos apaixonados se dá o estopim para acender a bomba que explodirá em tragédia levando Romeu e Julieta a morte.

4.4- A presença da morte antecipando a tragédia

Antes de analisarmos com mais profundidade o desfecho destas duas histórias, as tragédias propriamente ditas. É interessante apresentar que antes que a morte ocorra de fato nas obras, ela é cogitada várias vezes pelos amantes diante da impossibilidade de realização de seu amor. É como se a todo tempo em ambas as histórias, as duas tragédias fossem introduzidas ao leitor. Lembrando sempre que o amor sentido entre os jovens é algo tão intenso e tão profundo, sendo a impossibilidade de realização deste, motivo para morrer. Os autores preparam desta forma os leitores para o desfecho de suas tramas, a tragédia. Abaixo segue alguns trechos extraídos das obras de “Romeu e Julieta” e “Inocência” respectivamente, que ilustram esta nossa discussão. Segue uma fala de cada um dos amantes:

Julieta: “Se em vossa sabedoria não podeis auxiliar-me, aprovai ao menos minha determinação! E com este punhal, acabarei de imediato com minha alma! Não demoreis em falar! Quero morrer se o que ides dizer não menciona remédio!” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato IV, cena I, pag.90)

Romeu:... “E ainda dizeis que exílio não é a morte? Não tendes um ativo veneno, um agudo punhal, um rápido meio de morte, qualquer que fosse mais somente “banimento” para me matar?... Banido!...” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato III, cena III, pag.78)

“—Inocência, implorou o moço, olhe... abra, tenha pena de mim... Eu morro por sua causa...” (TAUNAY, *Inocência*, cap. XVIII, pag.126)

“Por que é que mecê veio bulir comigo? Eu era uma moça sossegada... agora, se mecê não gostasse mais de mim... eu morria...”(*Inocência*, cap. XXIII, pag.151)

4.5- A tragédia e seus resultados

Bem, com este tema chegamos ao desfecho destas duas obras fascinantes que escolhemos para analisar. Podemos considerar a tragédia uma das maiores semelhanças entre as duas obras, senão a maior, pois é em tragédia que se desfecham as duas. A obra “Romeu e Julieta” possui a tragédia mais conhecida de todos os tempos, mas além desta encontramos a tragédia também na obra de Taunay, menos conhecida do que a de Shakespeare, mas não menos brilhante.

Como já apresentado neste presente trabalho, Romeu havia sido banido de Verona pela morte de Teobaldo e Julieta estava destinada a se casar com Páris, por determinação de seu pai. Desta forma o casal de apaixonados estaria separado para sempre. No desespero para não perder seu amor, Julieta através de um plano traçado com Frei Lourenço, bebe uma poção que a deixaria aparentemente morta por quarenta e duas horas. Ao acordar, Romeu deveria estar a sua espera para levá-la consigo para Mântua. Esta seria a única forma, a última esperança para que os dois pudessem permanecer juntos. Devido a uma falha na comunicação a única notícia que Romeu recebe é a da morte de Julieta. Transtornado, ele compra um veneno e vai até o túmulo dos Capuletos para como ele mesmo disse, “descansar com ela”. Lá encontra Páris, os dois lutam, Páris morre e Romeu bebe o veneno morrendo também em seguida. Julieta ao acordar vê Romeu morto, e usando sua adaga também se mata.

Cirino estava à espera de Antônio Cesário se apegando a sua última esperança de poder livrar Inocência do casamento com Manecão, podendo então casar-se com ela e serem livres para viver o amor. Cirino durante os oito dias que Cesário mandou que ele aguardasse na Vila de Sant’Ana ia até parte da estrada para ver se Cesário estava a caminho, mas este não aparecia. Enquanto isso, Manecão que já sabia de tudo através de Tico, e com o consentimento de Pereira, espreitava Cirino para matá-lo. Assim, ali na estrada enquanto aguardava a salvação de Cesário, recebe um tiro de Manecão e cai. Pouco tempo depois aparece Cesário, mas este não consegue socorrê-lo, não havendo mais tempo para a tão esperada salvação.

Apresentadas resumidamente ambas as tragédias. Observaremos com maior atenção alguns aspectos das mesmas. Para melhor observação segue alguns trechos extraídos de “Romeu e Julieta”, e em seguida de “Inocência”:

“Bem Julieta, esta noite descansarei contigo!” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato V, cena I. pag.102)

(...) “Conservar-me-ei sempre ao teu lado, sem jamais sair deste palácio de noite sombria! (...) E vós, ó lábios! Portas da vida, com um legítimo beijo selai o pacto infinito com a morte devoradora! (...) Por minha amada!” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato V, cena III, pag.106)

“(...) Oh! Ingrato! Tudo bebeste sem deixar uma só gota amiga que me ajude a seguir-te? Beijarei teus lábios!... Talvez haja neles um resto de veneno para fazer-me morrer como algo reconfortante! (...)” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato V, cena III, pag.107)

“—Matador!. vil! .. sim! .. conheço Inocência... Ela é minha .. Infame! .. Mataste-me... mas mataste também a ela!...” (TAUNAY, *Inocência*, cap. XXX, pag.195)

“—Pois bem, suspirou o agonizante, agora... agradeço a morte.

Quero apegar-me... às Santas do Paraíso... e chamo por...

—Inocência!”(TAUNAY, *Inocência*, cap. XXX, pag.197)

Sabemos que a tragédia é presente nas duas obras. Mas a semelhança não está na forma em que ela é apresentada nas obras, pois ocorre de formas diferentes em cada uma. Em “Romeu e Julieta” há o suicídio mútuo, em “Inocência” há um assassinato e o que podemos chamar de uma morte por desgosto da vida, pois Inocência morre após a morte de Cirino.

Mas a semelhança encontrada neste caso é a exaltação do amor, o amor está acima de tudo, até mesmo da morte. A morte que na verdade separa as pessoas, neste caso parece ser o único jeito dos casais ficarem juntos, sem se preocupar com a permissão de ninguém para viver seu amor, podem literalmente descansar em paz. Dá-nos a impressão que o amor nas duas obras é eternizado com a morte destes heróis, assumindo assim um plano espiritual.

É como se um estivesse tão pertencente ao outro, que a força do amor os interligasse os tornando um só. Por isto seria impossível um viver sem o outro, e por isto, como vimos em “Romeu e Julieta”, os dois tomam a mesma atitude de dar cabo da própria vida sem nenhum receio, como que desta forma selassem o pacto do amor eterno. Ao saber da morte de um, é como se o outro estivesse automaticamente morto também, tendo morrido junto com seu amado. Os trechos acima retirados da obra ilustram bem esta discussão.

Em “Inocência” apenas Cirino é assassinado, o que faria que ocorresse apenas uma morte nesta história, mas também aqui o amor é tão intenso que faz com que na morte de Cirino o leitor entenda que Inocência também morreu, pois os dois através do amor que ultrapassa a alma, são apenas um. Através dos trechos transcritos acima, fica claro o que estamos dizendo, pois Cirino diz a Manecão que ao matá-lo também estaria matando Inocência, e em suas últimas palavras antes de morrer, o que é de arrepiar, a chama para ir com ele. Então Taunay de certa forma termina a história de Inocência com a morte de Cirino. Restando apenas uma simples notinha sobre a morte de Inocência:

“Inocência, coitadinha...

Exatamente nesse dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue a terra, no imenso sertão de Sant'Ana do Paranaíba, para ai dormir o sono da eternidade.” (TAUNAY, *Inocência*, cap. XXX, pag. 200)

A tragédia com todo o seu triste desfecho parece em seus resultados trazer uma elevação espiritual nas duas obras. Em “Romeu e Julieta” a morte dos apaixonados faz com que aconteça a tão esperada reconciliação entre as famílias e a paz para a cidade de Verona. Em “Inocência” a elevação espiritual ocorre ao herói Cirino, ele alcança a perfeição ao não querer morrer com pecados, perdoando Manecão e não revelando a Cesário que ele foi o seu assassino.

É interessante lembrar também que Romeu não queria matar Páris, não queria morrer com mais este pecado. Foi Páris que insistiu em lutar, e após sua morte Romeu o colocou no mausoléu como ele havia pedido, e também pediu perdão a Teobaldo que ali jazia morto, como para de certa forma poder morrer em paz. Cirino também pede ao padrinho de Inocência que pague sua dívida de jogo e distribua o resto de seu dinheiro a seus homens e aos necessitados, como que desejando se redimir antes da morte.

4.6- Relações entre as epígrafes de “Romeu e Julieta” e a obra “Inocência”

Não seria possível analisar “Inocência” sem chamar atenção para a importância das epígrafes presentes em seus capítulos. Como já vimos a definição de epígrafe no primeiro capítulo, com sua presença na obra é como se ocorresse um discurso paralelo, facilitando o diálogo do narrador com a narrativa, sem que o narrador precise intervir pessoalmente.

Todos os capítulos de “Inocência” são iniciados por epígrafes. Percebemos que Taunay usa as epígrafes para antecipar os acontecimentos de cada capítulo. Através delas temos a introdução do capítulo e sabemos de antemão qual será o seu desenrolar. As epígrafes que predominam na obra e que nos interessam para este trabalho, são as de Shakespeare, que são seis no total, mas apenas analisaremos as que se referem às passagens de “Romeu e Julieta”. São estas as passagens presentes nos os capítulos XVIII e XXIII aquelas que nos remetem a relação amorosa na obra “Inocência”. Taunay usa estas epígrafes como recurso para tecer o fio do enredo amoroso entre Inocência e Cirino.

No capítulo XVIII, temos a seguinte epígrafe:

“Mas que luz é essa que ali aparece, naquela janela? A janela é o oriente, e Julieta o sol. Sobe, belo astro, sobe e mata de inveja a pálida lua”. ((SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, ato II) (TAUNAY, *Inocência*, XVIII, p. 123)).

Podemos dizer que esta epígrafe possui uma relação muito próxima com o seguinte trecho, no interior deste capítulo: “Deixa-me ver bem o teu rosto, dizia Cirino a Inocência. Para mim, é muito mais bela que a lua e tem mais brilho que o sol.” (TAUNAY, *Inocência*, XVIII, p.128).

Comparando a epígrafe de Shakespeare e o trecho citado da obra de Taunay, podemos dizer que o segundo é quase uma paráfrase do primeiro. Dizemos isso devido às grandes semelhanças em ambas as cenas. Ambos os trechos querem dizer praticamente a mesma coisa, porém Cirino apesar de utilizar a linguagem culta, usa-a de forma mais simples ao falar com Inocência. O que é característico de seu personagem. Enquanto que Romeu usa de uma linguagem mais poética. Seu personagem durante os diálogos com Julieta, parece estar recitando uma poesia.

A cena descrita na epígrafe se trata de uma das mais famosas cenas de “Romeu e Julieta”. Cena a qual Romeu entra no jardim dos Capuletos e vê Julieta em uma janela. É nesta mesma cena onde são feitas juras e declarações de amor. Cena decisiva para todo o desenrolar da trama que levará a tragédia no final.

O trecho de “Inocência” descrito acima, que dialoga com a epígrafe de “Romeu e Julieta”, relata uma cena onde Inocência como Julieta, também está na janela de sua casa. Esta cena possui rica importância para a obra, pois é neste momento que Cirino declara o seu amor por Inocência e ela que estava tendo sentimentos estranhos por Cirino, mas que em sua ingenuidade não sabia identificá-los, entende que o que está sentindo por ele também é amor, e então corresponde a sua declaração.

Prosseguindo, no capítulo XXIII encontramos a seguinte epígrafe:

“Mais cresce a luz, mais aumentam as trevas das nossas desgraças.” (SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Ato II. Idem Ato IV (TAUNAY, *Inocência*, XXIII, p. 148))

A epígrafe supracitada está presente em dois atos de “Romeu e Julieta”. Ela faz parte das duas cenas onde Romeu encontra Julieta às escondidas na casa dos Capuletos. No ato II após trocar as juras de amor, Romeu precisa ir embora antes que o dia clareie e seja mais fácil alguém da família Capuleto encontrá-lo. No ato IV após consumarem seu casamento às escondidas no quarto de Julieta, com Romeu sendo procurado pelo assassinato de Teobaldo, novamente Romeu precisa fugir antes que o dia amanheça para que ninguém o veja.

A mesma epígrafe anuncia o desfecho trágico da relação de amor entre Cirino e Inocência, pois ela se refere ao último encontro destes amantes. Na verdade, como em Romeu e Julieta, este último encontro é o mais importante, pois é o único em que eles podem ter um contato físico maior sem ter a janela como obstáculo. Mas diferente dos amantes de Verona, onde ocorre o ato sexual, os nossos amantes do sertão em um ato de pureza, apenas se abraçam. Neste encontro fica decidido que Cirino irá usar todos os recursos para revogar a obrigação de casamento de Inocência com Manecão. O trecho no interior do capítulo de “Inocência” que dialoga com a epígrafe de “Romeu e Julieta” analisada acima, termina com a seguinte transcrição:

“E assim abraçados, quedaram eles inconscientes, enquanto a aurora vinha clareando o firmamento e desferindo para a terra raios indecisos como que a sondarem a profundidade das trevas...” (TAUNAY, *Inocência*, XXIII, p. 153)

Percebemos então em relação à epígrafe de “Romeu e Julieta” e o trecho de “Inocência” que para os amantes das duas obras a noite é muito importante, pois é o momento cedido pela natureza para facilitar seus encontros sem que sejam vistos. E com a manhã a natureza traz as trevas para suas vidas, fazendo com que tenham que se afastar e encarar a dura realidade da impossibilidade de viverem o seu amor.

E assim apresentando mais uma forma de intertextualidade entre as duas obras discutidas ao longo de todo o nosso trabalho, e como elas dialogam entre si, encerramos a nossa análise comparativa. Não podemos dizer que analisamos todas as semelhanças entre “Inocência” e “Romeu e Julieta”, apenas podemos afirmar que analisamos os aspectos semelhantes por nós identificados. Pois sabemos que na literatura não pode haver somente um ponto de vista, apenas um olhar sobre uma obra. Sendo assim, fica aqui uma deixa para aqueles que quiserem a partir de nossa análise, inserir os seus próprios olhares sobre estas obras com carinho aqui analisadas.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término de nossa análise comparativa, podemos dizer que o nosso objetivo foi alcançado, pois conseguimos mostrar que verdadeiramente existem muitas semelhanças entre as obras “Inocência” de Visconde de Taunay, e “Romeu e Julieta” de Shakespeare. Durante todo o trabalho nós procuramos esmiuçar estas semelhanças uma a uma, de forma clara e bem ilustrativa. Assim foi possível perceber como é interessante que dois autores tão distintos, de nacionalidades diferentes, sendo o primeiro brasileiro e o segundo inglês, que não se conheceram e que viveram em épocas diferentes, podem dialogar através de seus textos de forma tão brilhante.

Vimos que independentemente de pertencerem a épocas, estilos, ou gêneros diferentes, sempre é possível um texto dialogar com outro, o que é possível através do que chamamos de intertextualidade, podendo esta ocorrer de diversas formas. Concluímos que as obras de “Romeu e Julieta” e “Inocência” possuem mais aspectos em comum do que poderíamos imaginar. As histórias dos quatro jovens: Romeu e Julieta, Cirino e Inocência são tão semelhantes que chegam a se entrelaçar. Estas semelhanças vão desde o nascimento e desenrolar de uma história de amor, cheia de obstáculos, e com seu término em tragédia, até as críticas sociais feitas pelos autores aos problemas sociais de suas épocas.

O diálogo entre Taunay e Shakespeare, presente na obra “Inocência”, é tão intenso e tão espetacular, que podemos considerar esta obra através de seu enredo, um pastiche de “Romeu e Julieta”. Além disto, existe ainda um outro diálogo entre os dois autores em “Inocência”. Este diálogo ocorre entre as epígrafes de “Romeu e Julieta”, que introduzem os capítulos onde ocorrem os diálogos e encontros entre Cirino e Inocência. Vimos como este tipo de intertextualidade pôde enriquecer a obra de Taunay, antecipando o leitor sobre os fatos que estariam ainda por ocorrer.

Podemos concluir que a intertextualidade é um excelente artifício utilizado pela literatura para manter um diálogo constante entre obras, mantendo-as sempre vivas em outras obras, seja com uma nova roupagem ou mantendo a sua original. Ficando desta forma sempre presentes na memória dos leitores e fazendo com que estes possam conhecer uma nova obra a partir daquela já conhecida.

E foi a riqueza deste artifício literário que quisemos mostrar em nosso presente trabalho ao analisar as duas obras escolhidas, principalmente por pertencerem a literaturas diferentes, sendo “Romeu e Julieta” pertencente à literatura inglesa, e “Inocência” à literatura brasileira. Tentamos assim apresentar uma nova roupagem de uma história há muito tempo já conhecida. Lembrando apenas que nossa análise carrega os aspectos encontrados através do foco do nosso olhar, e a literatura permite sempre que haja diferentes olhares sobre o mesmo aspecto observado.

6-REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 1999.

ANTONINI, Eliana Pibernat. **Incidentes Narrativos**. Antares e a Cultura de Massa. Vol. 6. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HELIODORA, Barbara. **O teatro explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MASSAUD, Moisés. **História da Literatura Brasileira**. Das Origens ao Romantismo. Vol.1. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MOURTHÉ, Claude. **Shakespeare**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2007.

PAULINO, Graça; WALTY Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades Teoria e Prática**. 6.ed. São Paulo: Formato, 2005.

SHAKESPEARE, Willian. **Romeu e Julieta**. Tradução: MEDEIROS, F. Carlos de Almeida Cunha; MENDES, Oscar. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Klick.

Licença:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nd/3.0>